

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Kemelly Cunha Nogueira

CONSCIÊNCIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA: RAP NACIONAL FEMININO NEGRO COMO PRÁTICA ANTIRACISTA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hevelly Ferreira Acruche

Juiz de Fora
2023

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, Kemelly Cunha Nogueira, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202072020A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CONSCIÊNCIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA: RAP NACIONAL FEMININO NEGRO COMO PRÁTICA ANTIRACISTA**, desenvolvido durante o período de 08/2023 à 12/2023 sob a orientação de Hevelly Ferreira Acruche, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Kemelly Cunha Nogueira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

CONSCIÊNCIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA: RAP NACIONAL FEMININO NEGRO COMO PRÁTICA ANTIRACISTA

Kemelly Cunha Nogueira¹

RESUMO:

O artigo analisa algumas obras literárias das autoras Djamila Ribeiro, Bell Hooks e Angela Davis para a compreensão das interpretações sobre o construto social de mulheridade para a mulher negra e como os processos de interseccionalidade entre raça, gênero e classe social são elementos indissociáveis para o entendimento e enfrentamento das estruturas sociais de opressões, conectando essas obras à análises das narrativas presentes no rap nacional como forma de resistência e expressão cultural. Tendo como objetivo relacionar as pautas tratadas nas obras literárias com as letras das canções das rappers brasileiras Afreekassia, Tássia Reis e Mc Soffia, para a associação desse estilo musical como um canal capaz de conectar fatos sociais à história e analisar a sociedade de forma opositora no sentido de desafiar as representações culturais dominantes e as dinâmicas de poder que perpetuam a opressão.

Palavras-chaves: Mulher negra, Identidade, Racismo, Resistência, Rap Nacional, Feminismo.

1. INTRODUÇÃO:

A interseccionalidade entre raça, gênero e classe social desempenha um papel crucial na compreensão das relevantes dinâmicas que moldam a experiência da mulher negra na sociedade. Este artigo mergulha nas obras literárias provocativas de autoras renomadas como Djamila Ribeiro, Bell Hooks e Angela Davis, cujas palavras oferecem uma visão penetrante sobre o papel social da mulher negra e as interconexões entre diferentes formas de opressão estrutural. No entanto, indo além da análise textual, estendendo-se ao universo do rap brasileiro, gênero musical que possui como grande característica discursos políticos e reflexos sobre o cotidiano problematizando situações desvelando a sociedade. Sendo diversas vezes utilizado como meio de resistência e expressão cultural profundamente enraizado na realidade afrodescendente.

Especificamente as obras visadas neste são, "Pequeno Manual Antirracista", "Quem Tem Medo do Feminismo Negro?" de Djamila Ribeiro "O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras", "Não sou eu uma mulher?" "Mulheres negras e o feminismo", "Olhares Negros: raça e representação" de Bell Hooks e "Mulheres, Gênero e Classe", "A Liberdade é uma Luta Constante" de Angela Davis.

O cerne deste estudo reside na exploração das pautas apresentadas por essas autoras e sua ressonância nas letras das rappers brasileiras Afreekassia, Tássia Reis e Mc Soffia. Ao conectar as vozes literárias à poderosa narrativa do rap, este trabalho busca destacar o papel singular dessa forma de expressão artística como um canal capaz de articular as questões sociais, desafiando representações culturais dominantes e confrontando as dinâmicas de poder que perpetuam a opressão. Assim, adentramos em um território intelectual e musical onde as palavras se tornam um veículo de resistência, unindo as forças literárias e musicais em um discurso coeso que desafia e redefine as narrativas culturais.

2. DESENVOLVIMENTO:

2.1 Conceito de Identidade e suas relações com os sistemas opressores:

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador(a): Prof^o. Dr^a Hevelly Ferreira Acruche.

O conceito de identidade é definido como o resultado de um processo histórico-cultural. A mesma começa com uma definição biológica (homem ou mulher) e racial (branco ou negro), sobre a qual se constrói uma identidade social. Sendo formada a partir de elementos históricos, culturais, religiosos e psicológicos. A identidade também é algo que se constrói em oposição a algo ou alguém, pressupondo a existência do outro.

Partindo desta perspectiva a identidade feminina social foi construída a partir de elementos que muitas vezes colocaram a mulher em uma posição de inferioridade em relação ao homem, justificando assim diversos níveis de subordinação e opressão. A construção do feminino foi marcada por estereótipos e papéis sociais limitantes, como a fragilidade, o confinamento ao espaço doméstico e a restrição a funções reprodutivas.

Em concordância com esse sistema de oposição e opressão desenvolve-se um processo de hierarquização de raça e gênero que eleva ao quadrado a subalternidade de indivíduos a partir de um olhar discriminatório e preconceituoso.

2.2 Presa a três correntes: O fatalismo do subjugamento de sua cor, gênero e classe

Pensar em perspectivas de liberdade no sentido de simplesmente existir em uma sociedade complexa tal como a atual para as mulheres negras é analisar as peculiaridades de seus desdobramentos históricos considerando que os aspectos de construção identitária é algo multifacetado, moldado por uma interação complexa entre fatores biológicos, culturais e sociais.

Em primeiro momento ao analisar o período escravocrata onde a violência e a brutalidade foram elementos constantes neste cenário, as formas de torturas se tornaram instrumentos comuns para manter os escravizados sob controle, impondo medo e garantindo obediência. A desumanização era uma característica central e justificatória desse sistema, transformando seres humanos em propriedades, desprovidos de direitos básicos e sujeitos à incerteza. Negando as capacidades intelectuais, emocionais e morais de um povo; retirando tudo, sua terra, apagando sua história e até mesmo desconsiderando seu gênero sexual.

Durante a escravidão, a opressão dos homens negros foi descrita como desmasculinização, enquanto a opressão das mulheres negras foi minimizada e ignorada pelos estudiosos. Isso ocorreu devido à assunção sexista de que os homens são mais importantes do que as mulheres e que a capacidade dos homens em afirmar-se como patriarcais é mais relevante. A falta de interesse e preocupação dos estudiosos em examinar seriamente o impacto da opressão sexista e racista sobre o status social das mulheres negras levou à minimização de sua experiência. Embora isso não diminua o sofrimento e a opressão dos homens negros escravizados, é óbvio que as mulheres negras sofreram ainda mais com a intensificação das forças do sexismo e do racismo. A área que mais claramente revela a diferenciação entre o status dos escravos homens e mulheres escravas é a área do trabalho, onde as mulheres negras foram exploradas como trabalhadoras dos campos, tarefas domésticas, criadoras de animais e objetos de assaltos sexuais dos homens brancos. Enquanto os homens negros não foram forçados a assumir o papel feminino, as mulheres negras foram forçadas a assumir o papel masculino.

As mulheres negras trabalharam nos campos lado-a-lado com os homens, mas poucos ou nenhum homem negro trabalhou lado-a-lado com as mulheres negras na casa (coma possível exceção dos mordomos, cujo estatus foi mais alto do que a criada). Assim, seria muito mais justo que os estudiosos examinassem a dinâmica da opressão sexista e racista durante a escravatura à luz da masculinização das mulheres negras e não da desmasculinização dos homens negros.

(HOOKS,2014 p.18)

Os abusos especialmente infligidos a elas facilitavam a cruel exploração econômica de seu trabalho. As exigências dessa exploração levavam os proprietários da mão de obra escrava a deixar de lado suas atitudes sexistas ortodoxas, exceto quando seu objetivo era a repressão. Assim como as mulheres negras dificilmente eram "mulheres" no sentido corrente do termo, o sistema escravista desencorajava a supremacia masculina dos homens negros. Uma vez que maridos e esposas, pais e filhas eram igualmente submetidos à autoridade absoluta dos feitores, o fortalecimento da supremacia masculina entre a população escrava poderia levar a

uma perigosa ruptura na cadeia de comando. Além disso, uma vez que as mulheres negras, enquanto trabalhadoras, não podiam ser tratadas como o “sexo frágil” ou “donas de casa”, os homens negros não podiam aspirar à função de “chefes de família”, muito menos à de “provedores da família”. Afinal, homens, mulheres e crianças eram igualmente “provedores” para a classe proprietária de mão de obra escrava. (DAVIS, 2016 p.26)

O sexismo institucionalizado afetou a vida das mulheres negras escravas em termos de trabalho, família e sexualidade, limitando suas oportunidades, invertendo as dinâmicas familiares tradicionais e expondo-as à exploração sexual. Tal fator culminou para que as mesmas desenvolvessem metodologias libertárias através de fugas, rebeliões, criações de redes de apoio e solidariedade, utilização de métodos educacionais. Algumas mulheres negras escravizadas aprenderam a ler e escrever, apesar das leis que proibiam a educação dos escravos.

2.3 Seria possível pensar em sororidade interracial na escravatura?

As mulheres brancas desempenharam um papel significativo na opressão das mulheres negras escravas, tanto como proprietárias de escravos que exerciam autoridade e controle sobre as escravas, quanto como participantes ativas na exploração sexual e na manutenção do sistema de escravidão.

As mulheres negras escravizadas não podiam olhar para qualquer outro grupo de homens, brancos ou negros, para protegê-las contra a exploração sexual. Muitas vezes em desespero, as mulheres negras tentavam a ajuda da dona branca, mas essas tentativas usualmente falhavam. Algumas donas respondiam ao sofrimento das mulheres escravas perseguindo-as e atormentando-as. Outras encorajavam o uso das mulheres negras como objetos sexuais porque lhes permitia folgar dos indesejáveis avanços sexuais. Em raros casos, as donas brancas que foram relutantes em verem os filhos casarem-se e deixarem a casa, compravam criadas negras para serem suas parceiras sexuais. Essas mulheres brancas que deploravam a exploração sexual das mulheres escravas eram usualmente relutantes em envolverem-se a si mesmas com o dilema da escravatura, por medo de colocarem em risco a sua própria posição na casa de família. Muitas mulheres brancas viram as mulheres negras que eram objeto dos assaltos sexuais dos seus maridos com hostilidade e raiva. Tendo sido ensinadas pelos ensinamentos religiosos que as mulheres eram inerentemente tentações sexuais, as donas brancas frequentemente acreditavam que as mulheres negras escravizadas eram as culpadas e os seus maridos as vítimas inocentes. (HOOKS, 2014 p.27-28)

Perpetuando nessa corrente escravocrata de abusos e opressões, foram concebidas gestações indesejadas de mulheres negras escravizadas, gestações essas frutos de estupros e relações abusivas cometidas pelos donos de escravos. Sem as mínimas condições, as parturientes eram designadas para seus afazeres normalmente, o trabalho da casa, da lavoura e muitas das vezes após o parto ainda tinham serventia trabalhista para seus senhores, um desses atos de serviço era o de ama de leite, quando mulheres brancas que não conseguiam amamentar seus próprios filhos e esse ato era designado a uma de suas escravas que também teriam parido recentemente

No período de maternidade das mulheres negras escravizadas era explorada pelos senhores de escravos, que viam os filhos dessas mulheres como propriedade e, portanto, como uma forma de aumentar sua riqueza. As mulheres negras eram forçadas a ter filhos, muitas vezes em condições precárias de saúde e higiene, e seus filhos eram frequentemente separados delas e vendidos para outros senhores de escravos. As mulheres eram forçadas a trabalhar mesmo durante a gravidez e após o parto, sem qualquer tipo de assistência médica ou apoio. Elas também eram frequentemente submetidas a violência sexual e doméstica por parte dos senhores de escravos, o que tornava a maternidade ainda mais difícil e dolorosa.

Obviamente, os proprietários buscavam garantir que suas “reprodutoras” dessem à luz tantas vezes quantas fosse biologicamente possível. Mas não iam tão longe a ponto de isentar do trabalho na lavoura as mulheres grávidas ou as mães com crianças de colo. Enquanto muitas mães eram forçadas a deixar os bebês deitados no chão perto da área em que trabalhavam,

outras se recusavam a deixá-los sozinhos e tentavam trabalhar normalmente com eles presos às costas. (DAVIS, 2016 p.27-28)

A dinâmica de relações entre mulheres de diferentes raças era profundamente influenciada pelo sistema escravocrata e pelas estruturas de poder e opressão que o sustentavam. Enquanto algumas formas de solidariedade e apoio mútuo entre mulheres de diferentes raças podem ter ocorrido em contextos específicos, é importante reconhecer que a escravidão criava divisões e hierarquias que dificultavam a existência generalizada de sororidade racial.

As mulheres escravizadas, em sua maioria negras, enfrentavam uma opressão brutal e sistemática, incluindo a exploração de seu trabalho, a violência sexual e a separação forçada de suas famílias. As mulheres brancas, por sua vez, muitas vezes ocupavam posições de poder relativo em relação às mulheres escravizadas, seja como proprietárias de escravos ou como esposas de proprietários, o que criava barreiras significativas para a solidariedade entre elas. Portanto, embora seja possível que tenham ocorrido exemplos isolados de solidariedade entre mulheres de diferentes raças durante a escravidão, é importante reconhecer que as estruturas e dinâmicas da época tornavam a existência generalizada de sororidade racial extremamente desafiadora. A luta contra o racismo e a construção de relações de solidariedade entre mulheres de diferentes raças é um processo contínuo que requer um entendimento crítico das complexidades históricas e sociais que moldaram essas relações.

2.4 O Movimento Feminista e as Mulheres negras

A história da mulher negra na luta feminista e pelos direitos civis é marcada por uma complexa interseção de desafios e resistência. Enquanto o movimento feminista historicamente buscou a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, as experiências das mulheres brancas e das mulheres negras são moldadas por contextos históricos e estruturais distintos, resultando em desafios específicos para cada grupo. Para as mulheres brancas, o foco do movimento feminista tem sido a busca pela igualdade salarial, acesso a cargos de liderança e eliminação da discriminação no ambiente de trabalho. No entanto, para as mulheres negras, a luta vai além, enfrentando obstáculos adicionais devido à interseccionalidade do machismo com o racismo e o patriarcado. Elas se deparam com acesso limitado a oportunidades de emprego, salários mais baixos em comparação com homens brancos e mulheres brancas, além da falta de representação em cargos de liderança. Estereótipos e preconceitos também permeiam suas experiências no mercado de trabalho.

Na história da mulher negra na inserção do feminismo, é fundamental reconhecer que o trabalho para essas mulheres em maior parte não foi uma opção, mas sim uma obrigação. Enfrentando discriminação e marginalização tanto no movimento feminista quanto no movimento pelos direitos civis, as mulheres negras foram forçadas a lutar em dois fronts, contra o racismo e o sexismo.

Além disso, uma vez que as mulheres negras, enquanto trabalhadoras, não podiam ser tratadas como o “sexo frágil” ou “donas de casa”, os homens negros não podiam aspirar à função de “chefes de família”, muito menos à de “provedores da família”. Afinal, homens, mulheres e crianças eram igualmente “provedores” para a classe proprietária de mão de obra escrava. (DAVIS, 2016 p.26)

A rotulação do homem branco como "o" inimigo foi problemática para o movimento feminista por várias razões. Primeiramente, ao focar exclusivamente no homem branco como o opressor, o movimento feminista negligenciou a opressão das mulheres por homens de outras raças e classes sociais, incluindo homens negros. No entanto, as demandas e necessidades específicas das mulheres negras devem ser integralmente incluídas nas agendas feministas. As soluções propostas devem abordar as disparidades que afetam esse grupo no mercado de trabalho, desafiando as normas estabelecidas do movimento feminista, questionando a exclusão e a marginalização de suas vozes e experiências. O feminismo negro surge como uma corrente importante do movimento feminista, que reconhece a interseccionalidade das opressões e promove uma abordagem mais inclusiva e holística para a luta por igualdade de gênero e racial. Com contribuições ao desafio das estruturas sociais estabelecidas, o feminismo negro

enriquece o movimento feminista como um todo, destacando a importância de considerar as diferentes interseções de identidade na busca pela igualdade. Reconhecendo o poder social opressor do sistema patriarcal.

Os homens negros são capazes de dissolver os sofrimentos das mulheres negras como uma causa sem importância porque a socialização sexista ensina-os a ver as mulheres como objetos sem valor humano ou mérito. Esta atitude anti mulher é endêmica do patriarcado. No ensaio de Leonard Schein "All Men are Misogynists" (todos os homens são misóginos) ele afirma que o patriarcado encoraja os homens a odiarem as mulheres (HOOKS,2014 p.74)

2.5 Rap como um propulsor de discursos de resistência:

O rap é considerado uma forma significativa de resistência política devido à sua capacidade de denunciar as injustiças sociais, criticar as estruturas de poder e promover a conscientização sobre questões políticas e sociais. O rap politicamente consciente, também conhecido como rap social, é uma expressão artística que emerge de grupos marginalizados e segregados, buscando transformar a realidade por meio da oposição ao sistema. Essa forma de rap é uma luta ideológica na dimensão sócio-política, utilizando a linguagem de forma sofisticada e elaborada para expressar críticas e resistência.

A função estratégica de resistência, oposição e protesto é a utilizada por aqueles que se opõem às entidades e instituições que exercem o poder. Aqueles que usam essa função podem, certamente, utilizar as funções mencionadas anteriormente para contra-atacar os poderosos discursivamente. O discurso político de resistência, ao contrário do discurso oficial dos políticos e dos grupos de poder, pode gerar infinitas formas de expressão marginal, sendo um deles o rap (CABEZAS e COLIMA, 2017 p.32)

Em concordância com o entendimento do poderio desse estilo musical, é possível notar como as letras e a musicalidade se entrelaçam para transmitir mensagens de contestação e consciência política.

Nos versos da canção "Sou + as negras" há uma forte mensagem de identidade, orgulho e solidariedade em relação à experiência da mulher negra. Esta destaca sua identidade como mulher negra, descrevendo sua relação com as mulheres negras ao seu redor. A expressão "não tem como eu não torcer pelas negras" sugere um forte sentimento de solidariedade entre as mulheres negras. Sendo uma resposta às adversidades que enfrentam no mundo, indicando a importância de apoiar umas às outras diante dos desafios comuns. A referência a um "mundo que é contra a gente" indica uma consciência social e a percepção das desigualdades e preconceitos que as mulheres negras enfrentam. A menção ao consumo de produtos provenientes de mulheres negras, como roupas, unhas e cabelo, destaca a importância de valorizar e apoiar economicamente as comunidades negras. Ressaltando a conexão entre a identidade pessoal e a herança cultural

"Eu sou uma negra, sou filha,sou neta
Sou irmã, sou sobrinha de uma mulher negra
Eu consumo de mulheres negras
Minhas roupas, minhas unhas, meu cabelo
Tudo o que eu sou vem de uma mulher negra!
Não tem como eu não torcer pelas negras
Ainda mais em um mundo que é contra a gente"
(Afreekassia,2023)

Na canção Da lama I Afrontamento da cantora Tássia Reis é expressa uma poderosa declaração de resistência e consciência social, destacando as lutas específicas enfrentadas por mulheres negras em um ambiente patriarcal, machista e racista. Ao abordar questões de desigualdade sistêmica, atribuição de mérito, desafios psicológicos e crítica à estrutura social, a letra da música serve como uma forma de expressão artística que busca inspirar reflexão e promover mudanças.

A letra da música aborda a interseccionalidade de identidades, especialmente as interações complexas entre raça, gênero e classe social. Ao destacar que "as oportunidades são racistas" e mencionar uma "sociedade machista", a artista evidencia os desafios únicos enfrentados por mulheres negras em um contexto de discriminação sistêmica. A menção de que "pra nós a chance nunca sai do zero" aponta para as desigualdades estruturais profundas que afetam as oportunidades de avanço para pessoas negras.

O verso "Se eu me destacar, é pura sorte, jão" destaca a percepção equivocada de que o sucesso de uma pessoa negra é frequentemente atribuído à sorte em vez do mérito. Isso pode refletir a narrativa injusta que muitas vezes é associada à ascensão social de pessoas negras, subestimando suas habilidades e esforços. A conexão entre fugir da pobreza e não escapar da depressão resalta os desafios psicológicos enfrentados por indivíduos que buscam transcender barreiras socioeconômicas e raciais. Isso aponta para a importância de considerar não apenas os obstáculos tangíveis, mas também os impactos emocionais dessas lutas. A frase "É difícil jogar quando as regras servem pra decretar o meu fim" expressa uma crítica à estrutura social que perpetua a desigualdade e limita as oportunidades para mulheres negras. Sugerindo um chamado à mudança e à necessidade de questionar e desafiar as normas que perpetuam a marginalização.

Quer saber
O que me incomoda, sincero
É ver que pra nós a chance nunca sai do zero
Que, se eu me destacar, é pura sorte, jão
Se eu fugir da pobreza não escapo da depressão, não
Num quadro triste, realista
Numa sociedade machista
As oportunidades são racistas
São dois pontos a menos para mim
É difícil jogar
Quando as regras servem pra decretar o meu fim
(TÁSSIA REIS, 2016)

Na canção "Meu lugar de fala" da Mc Soffia são abordadas questões importantes relacionadas à representação das mulheres negras na mídia, à objetificação e ao impacto da sociedade racista. A música critica a representação das mulheres negras na mídia, apontando para a ironia de serem destacadas em clipes para gerar engajamento, mas não serem as preferidas em relacionamentos sérios. Isso destaca a hipocrisia na forma como as mulheres negras são muitas vezes exploradas ou fetichizadas sem que haja um compromisso real de reconhecimento e respeito. Ao mencionar que não quer atacar ninguém, mas ressaltar a importância de aumentar a autoestima das mulheres negras, a música aborda a questão da objetificação. Ela destaca como a exploração da imagem das mulheres negras pode prejudicar a autoestima, reforçando a necessidade de promover uma representação mais positiva e respeitosa.

Afirmando que em uma sociedade racista, as mulheres negras são frequentemente as primeiras a serem atacadas. Ressaltando a importância de reconhecer e combater o racismo sistêmico.

Os cara fala de preta na música
Pode falar que dá engajamento
Nós é as preta foda do clipe
Mas não é a que eles pede em casamento
Eu não quero atacar ninguém
Mas sem aumentar a auto estima das pretas
Porque numa sociedade racista
Quando ataca, nós somos as primeiras
(MC SOFFIA, 2021)

CONCLUSÕES FINAIS:

O texto apresenta uma análise profunda e abrangente sobre a construção da identidade feminina, especialmente no contexto da escravidão, destacando as interseccionalidades de gênero, raça e classe social. Aborda o processo histórico-cultural que moldou a identidade das mulheres, enfocando as opressões sistêmicas que as mulheres negras enfrentaram ao longo do tempo.

A metodologia utilizada para desenvolver a argumentação é principalmente expositiva, baseada em análises históricas e sociais, bem como em trechos de obras acadêmicas e músicas que ilustram as experiências das mulheres negras. A intercalação de conceitos teóricos com exemplos concretos, como as letras de rap, enriquece a compreensão do leitor e oferece uma abordagem mais acessível e vívida.

Os objetivos do texto são claros ao abordar a construção da identidade feminina, a interseccionalidade das opressões sofridas pelas mulheres negras durante a escravidão e como essas questões persistem no movimento feminista contemporâneo. A inclusão de vozes femininas através das letras de rap, uma forma de expressão artística engajada politicamente, acrescenta uma dimensão importante à discussão.

No entanto, é importante reconhecer as limitações do texto. A abordagem pode parecer generalizante em alguns momentos, e é fundamental lembrar que as experiências das mulheres negras são diversas e multifacetadas. Além disso, o texto não explora extensivamente a situação das mulheres negras em contextos geográficos distintos, o que poderia adicionar uma perspectiva mais global à discussão.

A leitura deste trabalho proporciona contribuições significativas para o entendimento das dinâmicas históricas e sociais que moldaram a identidade feminina, especialmente no contexto da escravidão. Destaca a importância da interseccionalidade na análise das opressões, ressaltando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva no movimento feminista.

Em última análise, este trabalho convida à reflexão sobre as persistências das opressões enfrentadas pelas mulheres negras e destaca a importância de reconhecer, questionar e combater as estruturas que perpetuam desigualdades de gênero e racial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

CARNEIRO, Sueli. Mulher Negra. Cadernos Geledés, Instituto da Mulher Negra, Cadernos IV, São Paulo 1993.

DA LAMA I AFRONTAMENTO. Intérprete: Tássia Reis parte Stefanie. Compositor(a): Tássia Reis. Produtor: Dia & Grupo, 2016. Álbum: Outra Esfera (6min)

HOOKS, Bell. Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo/ bell hooks; Tradução livre para a Plataforma Gueto Janeiro 2014.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6969603/mod_resource/content/1/bell_hooks_O_feminismo_%C3%A9_para_tudo_mundo_Pol%C3%ADticas_arrebatadoras%20%282%29.pdf>

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação / bell hooks**; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p

MEU LUGAR DE FALA. Intérprete: Mc Soffia. Compositor(a): Mc Soffia. 2021. Álbum: Meu lugar de fala (2min)

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

³SOU + AS NEGRAS . Intérprete: Afreekassia. Compositor(a): Afreekassia. Produção musical: Gabriel Marinho. Mixagem e masterização: Gabriel Marinho .Gravado no estúdio do selo Mondé Musical (RJ). 2023. (2 min.48s.)

COLIMA, L. A.; CABEZAS BRAVO, D. A. Análise do rap social como discurso político de resistência. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso, [S. l.], v. 12, n. 2, p. Port. 24–44 / Eng. 25, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/27406>. Acesso em: 19 dez. 2023.